

A LINGUAGEM SIMBÓLICA NO CONTO JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO

Marcelo Buckowski¹

Os contos de fadas há alguns séculos, oferecem distração e formação a diversos leitores de todas as idades pelo mundo a fora. Ler contos de fadas é entrar em um novo universo. No instante do “Era uma vez”, através de uma espécie de acordo entre o leitor e a obra, abre-se um mundo de fantasia. Nesse mundo, o leitor luta contra dragões, salva a princesa, encontra o príncipe encantado, rouba o gigante e, acima de tudo, combate o mal e luta sem tréguas pelos seus ideais. O leitor experimenta a fantasia proporcionada pela leitura, aceita-a sem problemas e, depois, retorna à realidade da qual saiu. A leitura da literatura é uma forma de fuga da realidade, uma espécie de devaneio, uma necessidade universal do homem por um pouco de fantasia (CANDIDO, 1972).

Os contos de fada, em sua origem, são orais e de cunho moralista. As histórias são contadas por adultos para adultos e, mais tarde, por diversos fatores, são dedicadas às crianças. Um dos primeiros a direcionar os contos ao público infantil é Charles Perrault, ao publicar *Contos da Mamãe Gansa*. A obra reúne contos famosos como a *Chapeuzinho vermelho*, *A bela adormecida*, a *Cinderela*, entre outras histórias. Quase um século depois, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também se dedicam a registrar o folclore, os mais famosos são *Chapeuzinho vermelho*, *Branca de neve*, *João e Maria*, e outros. Depois, o poeta Hans Christian Andersen fica muito conhecido por criar contos de fadas inéditos a partir do modelo estrutural das histórias clássicas. Alguns dos contos mais conhecidos de Andersen são: *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, *Os sapatinhos vermelhos*.

Além dos autores citados no parágrafo anterior, Benjamin Tabart, em 1807, publica na Inglaterra o conto *The History of Jack and the Bean-Stalk*.² Essa é a primeira versão impressa do conto. Em 1890, Joseph Jacobs, um estudioso de folclore, dedica a sua vida a registrar contos de fadas. Compila três volumes: *Contos de Fadas Ingleses*, *Contos de Fadas Celtas* e *Contos de Fadas Indianos*. No livro *English Fairy Tales*³, publica uma versão de *Jack and the*

¹ O autor é graduado e mestre em Letras pela FALE/PUCRS, e professor.

² A história de Jack e o pé de feijão. (Todas as traduções presentes neste ensaio são feitas pelo autor.)

³ Contos de Fadas Ingleses.

beanstalk.⁴ A versão elaborada por Jacobs é inspirada na de Benjamin Tabart, no entanto, segundo a crítica, aquela atualmente é a mais popular e mais reeditada. (TATAR, 2003)

Na estória registrada por Tabart, quando chega no topo do pé de feijão, Jack encontra uma fada. O herói descobre que, no passado, o gigante matou o seu pai. A fada lhe conta também que tudo que o gigante possui, hoje, era de seu falecido pai, logo tudo pertence a Jack. Uma justificativa para os roubos de Jack e para a morte do gigante. Mesmo que ela seja a versão mais antiga, a estória de Benjamin Tabart não é a versão definitiva – não há uma definitiva ou uma verdadeira. Os contos de fadas são de origem oral e popular, portanto, não se pode definir uma versão verdadeira e outra falsa. A narrativa de Tabart é uma das versões possíveis do conto de Jack. Mas, para a elaboração deste trabalho, escolheu-se a versão de Joseph Jacobs, porque há nela alguns elementos simbólicos que não aparecem nas outras estórias e são alguns desses que serão analisados durante o presente trabalho.

Jack and the beanstalk é o título do conto que narra o caso de um menino pobre, chamado Jack (ou João, em português). Ao terminar o leite da vaca Branca Leiteira – última fonte de comida da casa –, Jack é enviado pela mãe viúva à feira para vendê-la. No caminho, ele encontra um senhor desconhecido, esse oferece trocar a vaca por alguns grãos de feijão mágicos. Jack aceita a troca e volta a casa para mostrá-los à mãe. Ao ver os feijões, a mãe bate no filho, joga os feijões pela janela e, sem jantar, manda o menino ao quarto. No quarto, o jovem adormece.

No dia seguinte, à janela do quarto, o herói depara-se com um enorme pé de feijão. Escondido da mãe, Jack escala o pé de feijão até o céu e lá o menino encontra uma longa estrada e caminha por ela até ver uma casa grande. Uma mulher alta está parada na porta. Ele pede café da manhã a ela, pois estava sem comer desde o dia anterior. A mulher, por sua vez, alerta o menino que fuja dali antes que volte o seu marido, o ogro. Ele é devorador de humanos. Jack insiste e a mulher cede e serve um café para ele. Mal termina de comer e o ogro chega a casa com três carneiros. Rapidamente, a mulher esconde o menino dentro do forno. O ogro sente o cheiro do menino na casa e pergunta a mulher se há alguém lá. Ela responde que não. Depois de comer dois carneiros, o ogro tira duas sacolas de ouro e começa a contar até adormecer. Jack percebe que ele está dormindo, rouba uma das sacolas e desce o pé de feijão.

De volta a casa, ele mostra a sacola de ouro à mãe. Com o passar do tempo, o ouro acaba. Então, o menino decide escalar o pé de feijão, novamente. Acontece o mesmo,

⁴ João e o pé de feijão.

exatamente como na primeira vez que ele escalou o pé, no entanto, quando o ogro adormece, o herói foge com uma galinha mágica que põe ovos de ouro.

Mesmo tendo a posse da galinha dos ovos de ouro, Jack sente-se insatisfeito. Decide escalar o pé e voltar a casa dos ogros, mais uma vez. Ao avistar a casa grande, ele espera a mulher do ogro entrar na casa. Ele entra escondido pelos fundos e espera o ogro comer e adormecer. Quando isso acontece, o protagonista rouba uma harpa mágica. Ao sair pela porta, a harpa mágica fala “mestre, mestre” e acorda o ogro. Jack foge com ela, desce o pé de feijão e – quando está próximo de casa – grita à mãe que traga um machado. Ele olha para cima e vê os pés do ogro descendo pela planta, então, corta o pé de feijão fazendo com que o ogro morra na queda. Jack e sua mãe ficam ricos, ele casa com uma linda princesa e eles vivem felizes para sempre. (JACOBS, 1968)

O tempo e o espaço, assim como todos os contos de fadas, são indefinidos. O tempo é pretérito, marcado pelo início da narrativa “Era uma vez”, mas não fica claro o ano ou a época em que a estória é narrada. O espaço, assim como o tempo, não se pode precisar. Ele se divide em dois: o espaço real – local onde inicia o conto, onde está a casa de Jack, onde ele faz a troca da vaca Branca Leiteira pelos grãos de feijão – e o espaço mágico – local onde está situada a “comprida grande alta casa” do ogro e sua “comprida grande alta mulher”, onde o herói passa ter acesso através do pé de feijão.

O personagem principal é “Jack”, em português João. Ele é o único personagem com nome próprio, os outros são caracterizados de forma diferente. A mãe dele é chamada de “pobre viúva” ou “mãe”. O senhor que propõe e faz a troca com Jack é chamado de “homem velho” ou “homem velho de aparência engraçada”. “Uma comprida grande alta mulher” ou “mãe” são os nomes dados à mulher do “Ogro”. Esse em outras variações da estória é chamado de gigante.

Fica claro que o conto mostra, simbolicamente, o jovem Jack lutando internamente para se tornar um adulto. Em outras palavras, a história retrata o conflito psicológico dos jovens, quando é tempo desses não mais dependerem financeiramente da família, bem como saírem de casa para constituírem as suas próprias famílias. O dito protagonista está enterrando a infância para encarar a vida como um adulto. A estória é um grande rito de passagem, na qual João aprende muitas lições, pois necessita delas para aprender a enxergar o mundo de forma mais racional e mais adulta. O herói está mudando, está crescendo fisicamente. Para não ser um adulto problemático, quando entrar em contato com a sociedade, ele necessita também crescer psicologicamente.

Os contos de fadas sempre começam em um espaço real com uma situação real e um tanto problemática. A partir desse começo, o herói vai a um lugar mágico e passa por peripécias em busca da resolução dos seus problemas. Ao passar por todos os desafios necessários para a realização dos seus objetivos, o herói das histórias mágicas retorna à realidade – uma realidade feliz. (BETTELHEIM, 1980)

A “pobre viúva” percebe que Jack não é mais uma criança. Incomoda a ela ainda ter que alimentar o filho. Simbolicamente, isso é expresso pelo texto quando o leite da vaca Branca Leiteira seca. O leite é o primeiro alimento, a primeira bebida que os mamíferos tomam ao nascerem. O leite provém, unicamente, do seio materno. Quando a mãe de Jack diz para ele ir à feira e vender a vaca Branca Leiteira, ela almeja a independência do filho. Ela quer que ele deixe o seio materno, que vá trabalhar, que traga dinheiro para casa. Mandar Jack à feira – a um local que excede as fronteiras do lar materno – é a forma como ela encontrou de pedir ao filho que vá ao mundo e se vire com o que ele tem a oferecer. Ademais, ao secar o leite, o personagem principal aprende a primeira lição para iniciar o seu processo de amadurecimento psicológico: a comida é limitada, ela acaba se não houver alguém que a providencie.

Jack vai à feira e no caminho encontra um “homem velho de aparência engraçada” que lhe oferece trocar a vaca por alguns grãos de feijão mágicos. Nos contos de fadas, o velho é geralmente uma figura auxiliar, ele aparece quando o protagonista está com dificuldades, quando ele precisa de ajuda, conselho ou direção. (FRANZ, 1990) De fato, o herói passa por problemas, na família. O velho surge no exato momento em que Jack está precisando de direção, aquele mostra o caminho a ser seguido por este, ao explicar o que deveria ser feito com os grãos mágicos “*if you plant them overnight, by morning they grow right up to the sky*”⁵ (JACOBS, 1968, p. 33). Indiretamente, o velho disse que no céu Jack conseguirá o que deseja. Os grãos simbolizam o suporte que fará com que o protagonista consiga alcançar o seu objetivo. Eles não solucionarão diretamente os problemas de Jack, mas resultarão em oportunidades para que ele possa resolvê-los sozinho. O protagonista, a princípio não acredita no que lhe é proposto. Mas, o velho está muito confiante na vitória do herói e deixa bem claro isso “*if it doesn't turn out to be true you can have your cow back.*”⁶ (JACOBS, 1968, p. 33) Os grãos serão determinantes para que Jack consiga obter os conhecimentos fundamentais para amadurecer e, dessa maneira, conseguirá, enfim, mudar. O grão é o símbolo das

⁵ “Se você plantá-los a noite, de manhã, eles crescem diretamente ao céu”.

⁶ “Se isso não for verdade, você pode ter a sua vaca de volta”.

vicissitudes, pois, ao ser enterrado, a sua forma primitiva morre e brota uma nova vida. (CHEVALIER, 1991) Retoma-se a interpretação proposta neste ensaio para que seja explícita a relação entre a simbologia do grão com a proposta de interpretação: o jovem necessita enterrar a infância para conseguir crescer e tornar-se um adulto.

Ao voltar à casa da mãe, para mostrar os grãos, a mãe fica braba, bate no filho, joga os grãos pela janela e o manda para quarto sem janta. Aqui, a mãe injustamente subestima o primeiro indício de independência demonstrado pelo filho: primeiro, uma atitude independente; segundo, ele acredita nos grãos, ele acredita no que brotariam deles. Note que o grão em questão não simboliza a resolução do problema de forma imediata, mas o instrumento necessário para que ele possa alcançar os seus objetivos. João acredita no poder desses grãos, a mãe, por outro lado, demonstra não crer neles.

A princípio parece contraditória forma como mãe trata o filho, embora saiba que o filho ainda está crescendo, não admite a forma pouco racional como Jack se porta, ao aceitar a troca. No entanto, ela, com isso, o encoraja a, no dia seguinte, subir no grande pé de feijão, o que brotou no quintal da casa. Jack, agora, quer muito provar a ela que está certo sobre a procedência mágica dos grãos e que eles trarão o retorno esperado. Ao voltar com a sacola cheia de ouro, o herói diz “*Well, mother, wasn't I right about the beans? They are really magical, you see*”.⁷ (JACOBS, 1968, p. 36)

João escala o pé de feijão três vezes.

Na primeira vez, ele traz uma sacola cheia de ouro. O ouro, por ser o metal mais perfeito, é também o mais valioso. Ele pode trazer a satisfação material e física a quem o possui. “Ele propicia a felicidade, se bem utilizado, isto é, se empregado para a busca do saber; caso contrário, acelera a perdição do seu proprietário.” (CHEVALIER, 1991, p. 670) Ao trazer a sacola de ouro, simbolicamente, João aprende tudo isso. Com o passar do tempo, o ouro termina. Isso demonstra que aquelas satisfações e felicidades propiciadas pelo ouro são limitadas e ele aprende com isso quando percebe o término do ouro. Além disso, Jack passa a ser encarado pela sua família de forma diferente, pois, agora, ele não é mais dependente da família e sim um sujeito que contribui financeiramente, dividindo as despesas da casa. Decide escalar o pé de feijão, com a intenção de tentar a sorte mais uma vez.

Na segunda vez, Jack já não é mais o mesmo. Ele rouba uma galinha mágica que coloca ovos de ouro toda a vez que for solicitada. A simbologia da galinha não é de muita utilidade para a estória, no entanto, o mais importante aqui é que a galinha coloca ovos de

⁷ “Viu, mãe, eu não estava certo sobre os feijões? Eles são mágicos, mesmo”.

ouro sempre que Jack pedir. Isso representa que o herói aprendeu que as satisfações e felicidades proporcionadas pelo ouro são limitadas. Portanto, para suprir as necessidades materiais, quando essas surgirem, se faz necessário aprender a resolvê-las por si. Em outras palavras, “se virar sozinho” ou ter domínio sobre algo ou alguém que faça isso por ele. Então, Jack retorna a casa da mãe ainda mais maduro, pois aprendeu outra lição. Leva a galinha mágica e acaba com os problemas financeiros da família para sempre. Agora, sempre que houver alguma necessidade, ele será capaz de supri-la, tem o domínio sobre isso. Mesmo assim, por algum motivo, o herói não está contente. Não se sabe ao certo, pois a razão da infelicidade do herói não aparece explícita no conto. João, outra vez, escala o pé de feijão.

Nesta vez, o protagonista rouba uma harpa de ouro que canta as mais belas canções. A harpa (cordas), como instrumento musical, é um dos mais antigos da história. Ao lado dela estão: a flauta (sopro) e o tambor (percussão). A sua estrutura de madeira e as suas cordas de linco representam as tensões entre os instintos materiais. As vibrações das ditas cordas representam as aspirações espirituais. Esse dinamismo simboliza o equilíbrio da personalidade e o domínio de si. (CHEVALIER, 1991) O herói rouba por duas vezes elementos que alimentam as aspirações materiais da vida, no entanto, espiritualmente falando, segue pobre, por isso está descontente. Ele ainda não alcançou o equilíbrio psicológico. Para alcançá-lo, necessita ainda alimentar o seu lado espiritual. Conseguiu isso ao roubar a harpa, pois ela representa a arte, no caso a música: um conhecimento superior, uma capacidade de expressão, comunicação, não material e que não pode ser comprada. Ao retornar com mais este elemento, Jack está psicologicamente completo e equilibrado.

O conto pode ser dividido em dois espaços.

O primeiro espaço é o real, a terra, local onde a narrativa começa. Lá, a figura da mãe é a pobre viúva e a figura do pai, não é explícita. Pode-se inferir que, simbolicamente, a figura do pai é o velho de aparência engraçada que propõe a troca. Inferir-se isso pela forma como ele aborda o herói. Na primeira frase do diálogo “*Good morning, Jack.*”⁸ (JACOBS, 1968, p. 33) O velho chama o protagonista pelo nome sem o conhecer anteriormente. Jack responde, mas fica muito maravilhado com a situação “*Good morning to you,*” *Said Jack, and wondered how he knew his name.*”⁹ (JACOBS, 1968, p. 33) Após isso, o velho pergunta onde o jovem vai. Percebe-se nessa pergunta que o homem tem uma certa preocupação. Agora, note a ambigüidade do discurso de Jack, ao responder a pergunta feita pelo velho: “*I’m going*

⁸ “Bom dia, Jack”.

⁹ “Bom dia para você”, disse Jack, e maravilhado como ele sabia o seu nome.

to market to sell our cow there.”¹⁰ (JACOBS, 1968, p. 33) O pronome possessivo dá margem a diversas interpretações, principalmente pode-se entender que a vaca é de Jack e do Velho, seu pai. O senhor, então, propõe a troca da vaca pelos grãos. Quando o herói está com problemas, no caso o problema é o alimento que a mãe não mais pode dar, o sustento negado pela mãe, João recorre ao pai. Mas, como, neste primeiro espaço, o pai sabe que Jack precisa crescer, ele não lhe dá o que realmente precisa, “de mão beijada”, lhe fornece o suporte necessário para que alcance o que precisa com esforço próprio. Esse suporte é simbolizado pelos grãos mágicos. Portanto, no primeiro espaço, Jack deve crescer. Para isso a mãe e o pai o ajudam de forma indireta, dando pistas, cortando laços e, sobretudo, permitindo que ele cresça.

O segundo espaço é o mágico, o céu, local onde está a casa do ogro. Nesse espaço, defende-se de que ele, simbolicamente, não é mágico nem fantástico, mas sim uma realidade alternativa, a visão de mundo de uma criança. Simbolicamente, todos os elementos indicam isso. Nesse espaço, a figura materna é a mulher do ogro. Isso é explicitamente mencionado no texto, quando o protagonista, em sua primeira fala em frente à casa do ogro, chama a mulher de mãe “*Good morning, mum.*”¹¹ (JACOBS, 1968, p. 36) O ogro, simbolicamente, representa a figura paterna. Na casa do ogro, o herói enxerga e é visto como uma criança. A simbologia envolvendo o tamanho dos personagens e da casa é importante para a construção de uma interpretação coerente e precisa deste espaço. O casal é constituído por um Ogro e uma mulher três vezes alta: “*a great big tall woman.*”¹² (JACOBS, 1968, p. 36) Tudo é grande nesse espaço e isso representa a visão de uma criança. Uma criança vê tudo grande: alguém que retornar a um lugar que frequentado quando criança acaba estranhando, pois tudo parece menor que naquela época. Na casa do gigante, tudo é grande, por isso João tem essa visão do espaço. A situação vivida nesse espaço é exatamente a representação do conflito edípico no menino. João está sozinho com mãe em casa, quando o pai (Ogro) volta para casa pedindo a refeição, a atenção da mãe é desviada ou dividida. Ela coloca a criança no forno para servir o marido. Como a criança deseja roubar o que há de mais importante para o pai, é natural que tenha medo de ser destruída. (BETTELHEIM, 1980) No céu, Jack recebe a ajuda da mãe para tudo. Na primeira vez que João vai à casa, a mãe o ajuda quatro vezes, demonstra-se que ela ainda o vê como uma criança. Primeira assistência, ela prepara o café da manhã e fica claro

¹⁰ “Vou ao mercado para vender a nossa vaca”.

¹¹ “Bom dia, mãe”.

¹² *Woman* (mulher) e *Great, Big, Tall* (três adjetivos, os três podem ser adjetivos relativos a tamanho).

que ele recebe leite nos três alimentos dado pela mãe. Os alimentos são: um pedaço de pão, queijo e um jarro de leite. Em algumas receitas de pão há leite, outras não. De qualquer forma, a atitude da mãe marca um retrocesso no processo de crescimento do herói, pois a mãe volta a dar o leite que, no outro espaço (realidade), seca: como a mãe que tira a mamadeira da criança na frente do pai que está na sala, mas volta a dar quando leva ela para o quarto. Segunda ajuda, a mãe o coloca no forno. O forno é um local seguro e quente, uma forma de protegê-lo. Terceira, ela mente ao marido que havia sentido o cheiro do menino. Quarta, o Ogro foi lavar se lavar, neste instante, Jack pula de dentro do forno para fugir e a mãe lhe aconselha que fique dentro do forno e espere até que o Ogro adormeça, após comer. Note que a figura de João, neste espaço, é completamente passiva, a mãe faz quase tudo por ele. A figura do herói é tão passiva quanto a de uma criança. Quando o herói visita a casa pela segunda vez, ela o ajuda três vezes: colocando ele no forno; mentindo ao marido quando esse pergunta se há alguém na casa e mentindo ao marido, novamente, quando esse pergunta se ela ouviu a galinha cacarejar. Da última vez que o protagonista visita a casa, ela não o ajuda. Note a gradação que ocorre: a mãe, a cada vez que ele a visita, o ajuda menos. Não por iniciativa dela, mas por iniciativa de João. Na segunda vez, ele usa a astúcia para conseguir o café, apela para a curiosidade da mãe. E na última vez, ele esconde-se dela para conseguir fazer tudo sozinho. Isso representa a vontade de João em querer crescer. No espaço em que ele deveria ser pequeno, João demonstra maturidade, demonstra ter emancipado as suas atitudes, demonstra independência.

O sujeito jovem está entre a infância e o estado adulto. Tanto a família como a sociedade, às vezes, o trata como uma criança, e, às vezes, como um adulto. Por vezes, é cobrado que jovem cresça, mas, ao mesmo tempo, por vezes, o jovem é protegido ao ser colocado no forno. Logo, oscilar entre os dois espaços do conto sugere que o personagem João é um jovem. Visitar os dois espaços da estória retrata a mente de um adolescente, o conflito psicológico de um sujeito em fase de maturação psíquica, pois no primeiro espaço ele tem que crescer e no segundo ele ainda é criança.

Do segundo espaço, João rouba os seguintes objetos: a sacola cheia de ouro, a galinha mágica que põe ovos de ouro e a harpa de ouro. Desses, João fica apenas com os dois últimos, pois a sacola cheia de ouro termina. Esses elementos simbolizam o que realmente germina dos grãos mágicos. Como foi dito anteriormente, o grão morre e se transforma. O que brota dos grãos mágicos, em primeira instância, é a realização das aspirações materiais e espirituais, mas, sobretudo, são as aprendizagens determinantes para que Jack alcançasse o equilíbrio

psicológico. Assim, João volta ao primeiro espaço, o real, como um adulto equilibrado e pronto para encarar a vida de forma plena.

O pé de feijão é o único meio de acesso que liga João à sua infância. Ao cortar o pé de feijão, simbolicamente, João deixa para trás a figura da mãe protetora e do pai ruim (Ogro). Está deixando de ser pequeno perante àquela família, àquela sociedade. Abre mão de tudo isso para ficar com a figura da mãe que deseja o amadurecimento do filho; para ficar com a figura do pai amigo que lhe dá os grãos necessários para que ele consiga resolver os seus problemas; para ficar de estatura igual ou semelhante a da família e da sociedade. Em outras palavras João cresce.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JACOBS, Joseph. Jack and the beanstalk. In. JACOBS, Joseph. *English fairy tales*. Suffolk: Penguin Books, 1968.

TATAR, Maria. *Contos de fadas*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.